

CLAIRE DAVERLEY

FALAR PELA NOITE DENTRO

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



Para Clive, é claro

«Quem me dera ter feito tudo neste mundo contigo.»

O Grande Gatsby, realizado por BAZ LUHRMANN, 2013

As suas vidas sofrem uma cisão repentina numa terça-feira à noite.

Isto é algo em que a mãe dela se foca, na sua negação ansiosa, que ainda não é a do luto, sob as luzes fortes do corredor do hospital. Os mosaicos são cinzentos de tão gastos e as franjas de céu, escarlates por entre as persianas. O dia está quase a despontar e Rosie está junto ao vidro e sente metade dela a retirar-se para um lugar cuja existência desconhecia.

— Mas é uma terça-feira! — diz a mãe ao médico. — Ele não sai às terças!

O médico é atencioso e experiente e estende a mão para tocar no cotovelo da mãe. Rosie repara em como ele tem as unhas bem cuidadas: polidas, arredondadas e limpas. Quer ser tão atenciosa, boa e gentil quanto aquele médico; quer ser capaz de tocar no cotovelo da mãe e de levá-la para casa assim que esta notícia, esta insuportável e intolerável notícia, tenha sido de alguma forma assimilada.

Mas é claro que levará anos até voltarem a sentir-se em casa, e Rosie sabe disso, sabe disso naquele preciso momento, enquanto olha para as mãos do médico e para o punho abotoado da sua camisa. Nunca nada ficará como dantes. Nada voltará a ser normal, despreocupado ou rotineiro, apesar de ser uma simples terça-feira, apesar de ela ter aula de Música dentro

de três horas, apesar de as chaves dele continuarem na algibeira do casaco dela.

Pensa nas chaves repletas das impressões digitais dele.

E em como espera que ele não tenha sentido nada, ao cair.

ANTES

CAPÍTULO

1

Will apercebe-se de que Rosie Winters tem qualquer coisa de especial na noite em que se conhecem, à volta da fogueira.

Quando ele lhe conta que a mãe o abandonou.

Estão sentados lado a lado, com as labaredas a elevarem-se na escuridão de novembro, parte de um círculo quebrado de alunos do secundário. Mitenes, latas de cerveja. Ondas distantes, para lá dos pinheiros. Na realidade, ele não conhecia Rosie, apesar de andarem na mesma escola e terem alguns amigos em comum, mas naquela noite estão a conversar. Um bocadinho.

De início, tagarelice apenas. Irrelevante. Até que o seu amigo Josh, irmão gêmeo de Rosie, faz um comentário acerca dos próprios pais e ela ri-se, um riso que mal se ouve com o crepitar da fogueira, e, antes de dar pelo que está a fazer, já Will lhe contou que não conhece a mãe. É algo que nunca disse em voz alta, que contornava, normalmente, baixando a cabeça ou deixando passar o momento. Mas dá por si a contar àquela rapariga de cabelo espigado, sobrancelhas hirsutas e mãos pálidas e esguias que a sua mãe se foi embora, há muitos anos, enquanto ele estava a ver desenhos animados antes de ir para a escola.

Ela fita-o quando ele diz isto, com as labaredas refletidas nos olhos. Não há simpatia ou curiosidade no seu rosto; não há sobrolho franzido nem boca retorcida, reações que ele poderia esperar se tivesse tido tempo para pensar nisso.

— Onde pensas que está? — pergunta-lhe ela, passado um momento.

Ele faz uma pausa. Olha para o céu, para os retalhos criados pelos intervalos das árvores. O fumo da fogueira sobe em espiral e há estrelas, uma delas maior e mais branca do que as outras. Talvez seja um planeta ou uma lua...

— Não sei — diz-lhe ele. — Em algum sítio.

E Rosie Winters repete essas últimas palavras, como se estivesse mesmo a pensar no assunto. Como se estivesse a perguntar a si própria como seria esse tal sítio.

Já é inverno e o vento fustiga a floresta, mas, mesmo assim, eles continuam lá fora. É melhor do que estarem em casa, quentinhos, mas a olhar desinteressados para o televisor.

Isto de verem a pele transformar-se em laranja sanguínea à luz da fogueira é novidade.

Deixa alguma coisa a arder.

Passam a noite a conversar, com os joelhos quase a tocar-se. A dizer muito pouco, embora ele não se lembre de alguma vez ter estado tão atento, tão desesperado por mais uma frase, tão surpreendido pelas palavras que ela escolhe. As pessoas começam a afastar-se aos pares, para se tocarem mutuamente atrás das árvores e trocarem carícias na areia, ou para irem buscar *noodles* tardios, batatas fritas em papel manchado de óleo. Apenas ele, Rosie, Josh e outros dois continuam ali. Um deles pega na viola e começa a dedilhá-la, junto à fogueira moribunda. Will contempla a casca de árvore incandescente, o invólucro grisalho da cinza.

A fogueira está reduzida a brasas quando Rosie começa a cantar.

O irmão pede-lhe que cante, de início. Tem de encorajá-la e depois implorar, até ela aceder com uma pequena inclinação da cabeça.

O vento amainou. O ar, sem a fogueira, parece vidro: frio e imóvel. E, quando ela canta, o som é diferente de tudo o que Will já ouviu. Coral e puro.

Escutam até a fogueira se extinguir e ficarem com as mãos dormentes. Depois, cada um segue o seu caminho. Will põe o capacete, aperta-o por baixo do queixo e liga a mota, a pensar naquela noite única e memorável em que falou com a irmã de alguém e ela entoou uma canção estranha, e em que não se passou mais nada a não ser isso.

Mas a voz dela mantém-no acordado naquela noite.

E novamente na noite seguinte.

Ele levanta-se tarde ao fim de semana. Veste uma camisola com capuz, tentando ignorar a necessidade premente de um cigarro enquanto desce a escada de meias. *Dave* vem ter com ele no último degrau, põe-lhe as patas nos joelhos e Will afaga-lhe a cabeça dura com os nós dos dedos antes de ele voltar aos saltos para a sala. O cão passa os dias enroscado em cima da velha poltrona do avô. Como se estivesse à espera de que ele chegasse a casa, pensa Will.

A avó está a fritar *bacon* na cozinha. Cheira a azeite quente e a gordura grelhada; a sal, a carne de porco e a pão torrado. Ao vê-lo entrar, fala-lhe em voz cantante:

— Boa tarde!

— Ainda são só dez horas — argumenta ele.

— E tu só tens dezoito anos uma vez, rapaz. Não vale a pena desperdiçares esses teus males, escondido debaixo do edredão.

— Não estava escondido — retruca ele, e dirige-se à mesa da cozinha para encher um copo com água do jarro.

— A Amber já foi à natação — diz a avó, de costas para ele.
— *E* terminou metade dos trabalhos de casa.

— Ainda bem para ela — replica Will.

Segue-se um breve silêncio, durante o qual se ouve o *bacon* a crepitar, os pálidos raios do sol de inverno a incidir nas paredes. Ele não vê a irmã por ali. De certeza que está barricada no quarto, a pôr os apontamentos em ordem segundo um código de cores com canetas de gel, a organizar a sua vida com cliques em forma de coração.

— Parece cansado — comenta a avó.

Ele continua sem responder, tira dois triângulos de pão torrado de cima da mesa e vai até à porta das traseiras.

— Estou bem — diz-lhe ele, ao mesmo tempo que vira o puxador para baixo.

Ela está a dizer mais alguma coisa quando ele sai lá para fora e fecha a porta atrás de si, dirigindo-se para a garagem.

Sente-se mal, durante uma fração de segundo.

Sabe que ela vai ficar irritada durante algum tempo, mas que depois lhe irá levar o *bacon*, para o almoço.

Lá dentro, liga a única lâmpada suspensa do teto. É um espaço sem janelas, com chão de cimento e um rádio com antena externa sobre a velha bancada de trabalho do avô. Cheira a seradura e a gásóleo antigo, e há uma caixa de ferramentas ao canto e um monte de madeira por usar no chão. É o único lugar onde as coisas lhe parecem mais ou menos bem, onde tudo tem uma finalidade e ninguém fala, duvida ou espera alguma coisa.

A sua mota nova está ali, desmontada e por terminar, exatamente onde a deixou.

Deixa-se ficar à porta e come o pão torrado sem nada, perscrutando o chão, à procura das ferramentas de que necessita.

E depois deita as mãos ao trabalho, sem ligar o rádio. Só ele e a mota. Pintar de novo os guarda-lamas, dar um aperto aos faróis. Mal pensando na tal Rosie enquanto trabalha.

Só um bocadinho.

Rosie fica até tarde na sala de Música. Tencionava treinar simplesmente as escalas e ir embora ao fim de quinze minutos. Mas passa uma hora e, depois, aparece a empregada de limpeza, a passar a esfregona nos mosaicos. Rosie ouve o arrastar do balde e a água lá dentro e pragueja em silêncio, antes de guardar a partitura. Apaga a luz e deixa a porta de madeira bater atrás de si. Dá as boas-noites à empregada, que é muito simpática; sorri-lhe sempre quando passam uma pela outra no corredor, ao fim da tarde, como se partilhassem algum tipo de segredo.

Lá fora, já escureceu e o ar parece purificado, o tipo de frio que prenuncia neve. Não é noite para andar de pernas à mostra ou para correr sob luzes fluorescentes.

Mas ela prometeu à mãe, por isso vai ao ginásio. Troca de roupa e corre na passadeira, mas apenas durante metade do tempo que devia, porque se tinha esquecido, porque a música levava a melhor e porque estava a desperdiçar o seu tempo, uma vez mais.

O suor empasta-lhe a franja e faz-lhe arder os olhos e, enquanto os seus pés batem no tapete rolante, ela pergunta a si mesma por que razão se esforça sempre tanto. Por quem se está a esforçar. Por que razão tudo é importante o tempo todo.

Sente uma pontada a meio e pára, tem de se inclinar para o lado e recuperar o fôlego. Espera que ninguém dê por isso. Que ninguém esteja a olhar para ela. E, depois disso, volta a pôr o seu saco ao ombro, corre o fecho do casaco e inicia a curta caminhada até casa, com o cabelo húmido pendurado junto às

orelhas. Há estrelas dispersas no céu e os carros passam por ela, numa torrente de faróis. Conta os passos que dá, e volta a contar, evitando as brechas entre as lajes do passeio.

Em casa, encontra o irmão gêmeo deitado no sofá.

— Estás atrasada — diz ele, sem tirar os olhos do televisor.

— Não muito — diz Rosie, olhando para o pulso e vendo-o nu. Deixou outra vez o relógio na sala de Música. Não consegue compor quando está preocupada com as horas.

— A mãe vai ficar chateada — diz Josh, e ela empurra-lhe a cabeça para baixo com a palma da mão e sai da sala antes que ele lhe possa atirar uma almofada.

A mãe não está chateada, apenas distraída. Está ao telefone, na cozinha, e levanta um dedo a Rosie, a sua forma habitual de cumprimentá-la e de dizer ao mesmo tempo de forma subentendida: «Espera, estou a fazer uma coisa importante. Compreendes, não é verdade? Sabes como são as coisas.»

— Como correu a escola? — pergunta a mãe depois de desligar. Não estabelece contacto visual, virando-se antes para abrir o forno.

— Bem.

— E o ginásio?

— Foi duro.

— Ora, ainda bem. É assim que deve ser.

— Tenho tempo para tomar um duche?

A mãe olha para trás e avalia-lhe o rosto a brilhar e o cabelo despenteado.

— Acho que sim — replica. — Não podes sentar-te à mesa de jantar a suar dessa maneira, pois não, minha querida?

Rosie olha para ela um segundo a mais do que é suposto e depois acena com a cabeça e dirige-se para a escada.

Na casa de banho, abre a água tão quente que está praticamente a escaldar. A sua pele fica furiosamente vermelha, mas ela permanece imóvel e suporta o calor. A contar, desta vez não os passos, mas os segundos. A alongar os números vezes sem conta, da forma que lhe é peculiar: como sangue a fluir, incapaz de parar.

Quando sai do chuveiro, enrola o cabelo numa toalha, grata pelo vapor que esconde o seu reflexo no espelho. Depois, seca-se e vai até ao quarto, onde a secretária está coberta de partituras e as prateleiras se encontram forradas de livros, esfrangalhados e amarelecidos de tão manuseados, passados a pente fino como mapas antigos. Patti Smith. Oliver Sacks. As Sylvias, tanto a Patterson como a Plath.

Depois de vestir umas peças de roupa, baixa o estore de tecido. Fica ali por um instante, com as mãos no peitoral. Está faminta, em todos os sentidos da palavra. Pensa em sair porta fora, com o cabelo molhado e a neve a aproximar-se, direita à noite de Norfolk.

— Como correu a escola? — volta a mãe a perguntar, depois de estarem todos sentados à mesa.

Ela serviu quadrados de lasanha de compra e passa os pratos ao pai e ao irmão de Rosie, dizendo-lhes para terem cuidado, que está quente. Rosie agarra no prato com ambas as mãos e repara que o seu quadrado é mais pequeno do que os dos outros.

— Terra chama Joshua! — incita a mãe. — Como foi o teu dia?

— Bom — diz ele, por entre garfadas de massa.

— Rosie?

— Entreguei o meu trabalho de História. E terminei um ensaio para Línguas Clássicas.

— E como é que correu?

— Bem, acho eu.

— Linda menina.

Segue-se mais um minuto de silêncio, em que só se ouve o barulho das facas nos pratos. Rosie bebe um gole de água e depois a mãe começa a contar uma história do trabalho, algo acerca de um cliente seu ter capitulado frente à mulher e não ter entrado numa guerra cuja vitória ela tinha a certeza de lhe conseguir. Mais uma vez, ninguém fala. O relógio da cozinha faz tiquetaque. Há molho branco a escorrer nos pratos.

— Talvez seja demais para ele — arrisca Rosie.

— Hum?

— Para o seu cliente. Talvez sofra pelo facto de o seu casamento ter acabado assim. E talvez queira simplesmente pôr um ponto final no assunto.

A mãe volta a encher o copo de vinho e espeta um tomate com o garfo.

— Não vamos presumir que sabemos as suas motivações, Rosemary — diz ela, depois de engolir.

Josh chama a atenção de Rosie, perguntando-lhe silenciosamente porque é que se dá ao trabalho, e ela prega os olhos na mesa. O pai está a fazer as palavras cruzadas.

Quando a mãe se põe em pé para levantar a mesa, Josh rapa o resto da sua lasanha para o prato de Rosie e ela come rapidamente, antes de se levantar para ajudar, batendo com o seu ombro no de Josh.

É uma coisa de irmãos, ou uma coisa de gémeos.

Ela não sabe a diferença.

E é enquanto está a lavar a tigela da salada que surge uma nova melodia. Tal como o canto inicial de um pássaro, notas hesitantes que ninguém está por perto para escutar. Quando Josh menciona que no dia seguinte vai fazer revisões com Will

White, da sua turma de Matemática Avançada, mal o ouve, porque está a tentar memorizar as notas.

A repeti-las, uma e outra vez, antes que elas desapareçam.

Marley telefona-lhe na manhã seguinte, bem cedo.

Rosie já está acordada e atende ao segundo toque.

— Estás acordada — diz Marley.

— Não conseguia dormir — replica. Por instantes, deseja que a amiga lhe pergunte porquê. Que alguém desse por isso ou que se importasse.

— Estava a pensar que podíamos fazer qualquer coisa hoje à noite — diz Marley, em vez disso.

— Era bom, mas tenho de fazer revisões da matéria dada.

— E depois? *Eu também!* Até podíamos fazer isso juntas, imagina só.

Rosie vira-se na cama. A luz da manhã é pálida através das cortinas, como água turva de tinta.

— Tu dizes isso, mas depois pões um filme e acabamos por não fazer nada — contrapõe.

— Suponho que seja inevitável — concorda Marley, e Rosie ouve o sorriso na sua voz, familiar e ligeiramente provocador.

— Era bom fazer uma pausa — pondera, passando o telefone para a outra mão.

Tem tinta nas palmas das mãos por ter estado a escrever música pela noite dentro, composições rasuradas e tentativas de refrão.

— Ótimo! — exclama Marley. — Sendo assim, que tal combinarmos alguma coisa para o fim de semana? Ir comer qualquer coisa e beber um copo no sábado à noite, ou algo igualmente trágico.

— Porque é que isso é trágico?

— Porque temos *dezsasete* anos, Rosie. Não devíamos precisar dos sábados como pretexto para nos encontrarmos, ou para sairmos, ou para fazermos alguma coisa minimamente entusiasmante.

— Nós saímos! Ainda no outro dia saímos, à noite!

— Sim, e tudo o que consegui com isso foi uma embalagem de batatas fritas e um beijo na boca que sabia a *Tic Tacs*.

Rosie desata a rir. Consegue ouvir a mãe a preparar-se para ir trabalhar, o zumbido da máquina de café lá em baixo.

— Quem é que beijaste? — pergunta.

— Não é da tua conta — retruca Marley.

— Está bem. De qualquer forma, para a semana já será outro.

— Estás a dizer que sou fácil, Rosemary Winters?

— Alguma vez faria isso?

— Suponho que não, mas só porque és do tipo virgem convencional.

— Aí está um nome para um azeite.

— *É*, não é? — E Marley desata a rir, com as suas gargalhadas tão fortes e envolventes que Rosie tem de afastar o telefone. — Então, fica para sábado. Vou comprar uma montanha de pipocas e uma embalagem daqueles caramelos de velhota que tanto aprecias.

— Os *Werther's* não são caramelos de velhota!

— E podemos rever as cenas em que entra o Leo as vezes que quisermos. Ou as do Patrick Swayze. Sinto que precisamos de alguma olaria excitante nas nossas vidas.

— Mar!

— O que foi?

— Ollaria excitante?

— Não precisa de ser ollaria. Pode ser marmelada ao som de Solomon Burke. Ou sexo em cima da mesa ao som de Berlioz.

— Vou desligar.

— És mesmo puritana!

— Até sábado.

— Sabia que Berlioz ia convencer-te — remata Marley.

No caminho para a escola, Rosie pensa no que Marley lhe disse. Josh saiu mais cedo, para os treinos de basquetebol, por isso vai sozinha, com o fecho do casaco corrido até ao queixo para se proteger do frio. É virgem e convencional. Tenta não ser, mas não se importa o suficiente para ser mais do que é: basicamente, uma menina bem-comportada.

Nunca teve um namorado. Já beijou alguém, ou melhor, foi beijada, de forma desastrosa, com os ombros presos contra a porta de uma casa de banho, numa festa em casa de uma amiga. O puxador magoava-lhe o cóccix e o rapaz sabia a pastilha demasiado mascada.

Nunca se embriagara. Nunca se escapulira de casa. Nunca fumara um cigarro e nunca mentira nem dissera palavras diante dos pais, embora não soubesse ao certo se iriam notar ou importar-se com isso.

Mas há tempo para tudo isso, pensa, ao descer o passeio para atravessar a rua. Dezassete anos é só o início. Vai trabalhar com afinco, fazer tudo o que deve fazer, e a sua vida será boa e preenchida, cheia de música, poesia, vinho e sexo, e momentos transformadores que duram mais de três minutos e não lhe deixam nódoas negras ao fundo das costas.

É esse o seu plano.

Tem de atravessar a rua uma, duas, três vezes no caminho para a escola, batendo com o pé no chão até conseguir parar, e é nessa altura que a neve começa a cair. Levemente, de início, parece mais uma chuva fina. Agarra-se-lhe às mangas como sal.

CAPÍTULO

2

Josh diz-lhe que não compreende. Estão ambos a olhar para os manuais de Matemática Avançada, com a neve a rodopiar do lado de fora da janela da sala de aula.

São os únicos dois alunos da turma, os únicos dois do seu ano que têm aquela disciplina. Já se conheciam antes, tinham partilhado algumas aulas ao longo do percurso escolar, mas agora, no último ano do secundário, Will supõe que podem considerar-se amigos. Os seus outros colegas são mais conhecidos com quem passa os intervalos; não lhe fazem perguntas sobre a sua vida nem parecem importar-se, o que até lhe convém. Mas Josh é diferente.

— Qual é a tua primeira opção? — perguntara-lhe Josh na primeira aula.

— Primeira opção para quê? — indagara, e Josh tinha respondido «universidade», por isso tivera de lhe explicar que não ia prosseguir os estudos.

Ao ouvir isso, Josh levantara os olhos da folha de exercícios.

— Vá lá! — exclamara.

— Vá lá o quê? — perguntara Will.

— Tu és, tipo, muito inteligente.

— Obrigado.

— A sério. Se te esforçasses, amigo, conseguirias entrar onde quisesses.

— E se eu não quiser?

Nessa altura, Josh fitara-o com uma ruga na cana do nariz, como se não estivesse a perceber.

Mas, agora, estão os dois a olhar para uma página de funções hiperbólicas, na esperança de que aquilo faça algum sentido antes de a aula acabar. O professor, o senhor Brookman, já se foi embora. Ele usa frequentemente a aula deles como desculpa para um intervalo prolongado na sala de professores e, na cabeça de Will, isso funciona nos dois sentidos.

— Vamos acabar por hoje — diz Will.

Josh encosta-se para trás e equilibra a cadeira em duas pernas.

— Não posso, meu. Tenho de perceber isto antes do exame simulado.

— Porquê? — pergunta Will, ao mesmo tempo que guarda as canetas na mochila.

— Porquê o quê?

— Porque é que precisas de perceber isso para o exame simulado? Só tens de saber isso para o exame a sério, na primavera. Tens muito tempo.

— Os exames simulados são importantes — explica Josh, ainda com a cadeira inclinada para trás. — Para as ofertas provisórias e essas coisas.

— Certo.

— Não vais mesmo para a universidade?

— Não.

— E o que vais fazer?

— Trabalhar — responde Will, pondo a mochila ao ombro. — Talvez viajar.

— Isso é fixe.

— Não estou a tentar ser fixe — diz Will, porque sabe que é isso que as pessoas pensam dele, com a sua mota, o seu registo

escolar e os sarilhos em que se meteu há uns anos. Foi há tanto tempo, mas as pessoas só se lembram disso. É a única coisa que querem ver.

— Sempre vais lá a casa, mais tarde?

— Ainda precisas que vá?

— Sem dúvida — diz Josh, deixando a cadeira assentar novamente as quatro pernas no chão. — Moro em Crescent Gardens, podes estacionar na rua. É a casa branca com a porta azul.

Lá fora, Will atravessa o pátio, com flocos de neve a pousar-lhe no cabelo. A escola parece um desenho a giz e carvão, sem forma e esborratado.

Não pensa muito no facto de ir naquela noite a casa de Josh, para ajudá-lo a rever a matéria. Nem no facto de ele ser irmão da rapariga que não lhe sai da cabeça.

Isto não é invulgar, para ele. Pensa em raparigas com frequência. O que é invulgar é o teor dos seus pensamentos; não têm nada que ver com as partes macias e molhadas do seu corpo, nem com o peso das coxas dela à volta das suas. Têm apenas que ver com a sua voz e os seus olhos. A forma intensa como ela costuma escutá-lo e guardar tudo o que ele tem para dizer.

— Tens a certeza de que podes ficar para jantar?

— Sim, tenho.

— Tens mesmo a certeza? Não presumiste, simplesmente?

— Avó, o Josh *disse*: «Vem jantar.»

— E não vais ficar com fome?

— Duvido que tenham a despensa vazia.

— Não podes comer como um cavalo em casa de outra pessoa — diz Amber da mesa. — Como fazes aqui.